

—

A Comunicação da Matemática

CITAÇÃO

Rodrigues, J. F. (2022)
A Comunicação da Matemática,
Rev. Ciência Elem., V10(03):035.
doi.org/10.24927/rce2022.035

EDITOR

João Nuno Tavares
Universidade do Porto

EDITOR CONVIDADO

José Francisco Rodrigues
Universidade de Lisboa

RECEBIDO EM

26 de setembro de 2021

ACEITE EM

26 de setembro de 2021

PUBLICADO EM

14 de outubro de 2022

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2022.
Este artigo é de acesso livre,
distribuído sob licença Creative
Commons com a designação
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite
a utilização e a partilha para fins
não comerciais, desde que citado
o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



Entrados na Era Digital, os meios que os cientistas dispõem para a investigação, para a publicação e para a disseminação das suas pesquisas, das suas descobertas e das suas previsões, estão a modificar e a aumentar o ritmo do progresso no Conhecimento. Certamente que os matemáticos, por muito que estejam embrenhados nas abstrações das suas teorias ou nas interações com o mundo real dos seus modelos, não são alheios a este facto.

A disseminação das Ciências Matemáticas pelos seus cultores e praticantes pode ser dividida em três tipos: a comunicação da Matemática interpares, através da publicação em livros ou revistas científicas, da correspondência, individual ou em fóruns digitais, e ainda em seminários, encontros e congressos, presenciais e, agora, também de forma remota; a comunicação da Matemática às novas gerações, através dos professores, dos textos e do ensino a vários níveis, onde os novos métodos eletrónicos e digitais não dispensam a assimilação cumulativa do conhecimento matemático; e, finalmente, a comunicação da Matemática à sociedade de um modo geral, seja a popularização junto do grande público, seja a sensibilização dos decisores e dos políticos para a sua importância atual e alcance futuro.

A Casa das Ciências e a Revista de Ciência Elementar, que já vai no décimo volume, tem vindo a consolidar a sua importante missão de transmitir e divulgar os conceitos científicos numa linguagem elementar e rigorosa, procurando uma visão crítica da realidade atual, não descurando os projetos escolares de sucesso, contribuindo assim para a comunicação da Ciência às novas gerações, incluindo, naturalmente, a Matemática. É disto exemplo, neste número, o artigo sobre *Vírus, Poliedros, Arquitetura e ... Matemática*, não só pelo seu aspeto interdisciplinar, bem patente no título, mas sobretudo por chamar a atenção dos poliedros e a importância crucial da Matemática na nossa conceção de espaço. Também a Imagem em destaque que seleccionei, um belíssimo cristal de diamante com uma forma octaédrica natural, numa fotografia feita com o meu velho iPhone durante uma visita memorável ao Museu de História Natural de Paris em abril de 2017, pode ser um instrumento e uma motivação ao estudo interdisciplinar da Geometria Espacial. E também a imagem da capa deste número não foge à tradição da Revista em contribuir para a divulgação científica, neste caso da galeria das 45 superfícies cúbicas caracterizadas num teorema de Geometria Algébrica provado em 1987 e colocadas, apenas um quarto de século mais tarde, em impressões 3D na exposição *Formas e Fórmulas*, que esteve exposta no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, entre 2012 e 2016, e cujo catálogo se encontra no ciberespaço.

A Revista de Ciência Elementar retoma a secção das biografias de cientistas com a evocação biográfica do mais influente Matemático português do século XX, José Sebastião e Silva, que teve uma influência determinante na modernização do Ensino da Mate-

mática. E vem a propósito recordar o que Sebastião e Silva escreveu sobre a introdução das matemáticas modernas no ensino secundário, num relatório em francês reproduzido na *Gazeta de Matemática* de 1962: Pensamos que estas inovações devem ser executadas com uma prudência extrema e com o mais fino tato pedagógico, se não queremos criar nos alunos uma repulsa invencível pelas matemáticas ou conduzi-los à aquisição de um formalismo vazio, absolutamente esterilizante. Com efeito, a orientação moderna das matemáticas é uma espada de dois gumes segundo o uso que dela se faz: pode tornar o ensino mais atrativo e muito mais eficaz; mas, mal aplicado, pode também conduzir a resultados quase opostos.

Num momento em que a evolução pendular recente do ensino da Matemática em Portugal, entre o eduquês e o matematiquês, não parece estar ainda a estabilizar, torna-se imperioso encontrar a síntese da didática das matemáticas e proporcionar, a par da formação geral dos jovens, formas de estimular o interesse científico e complementar a aprendizagem matemática daqueles que estão abertos e dispostos a ir mais longe.

José Francisco Rodrigues

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa